

RESTAURAÇÃO FLORESTAL NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL PELO MÉTODO DE SEMEADURA DIRETA EM SISTEMA AGROFLORESTAL E TRADICIONAL E O DESEMPENHO DE *Enterolobium contortisiliquum*, *Peltophorum dubium* e *Syagrus romanzoffiana*

Frederico de Castro Mayer¹; Artur Ramos Molina, Bruno Scheffer Del Pino²
Ernestino Gomes de Souza Guarino³

¹Universidade Federal de Pelotas – mayerfred7@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – artur.molina96@gmail.com bruno.delpino@gmail.com

³Embrapa Clima Temperado – ernestino.guarino@embrapa.br

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a atividade agropecuária e o desmatamento de forma predatória, como vemos hoje em dia, vem causando a extinção de espécies, o aumento da temperatura, redução da qualidade da água, erosão do solo, entre outros problemas ambientais, sociais, econômicos e culturais (MICCOLIS et al., 2016). Como uma tentativa de combate a esta forte exploração do meio ambiente, em escala mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou esta década como a década da Restauração dos Ecossistemas (resolução ONU A/RES/73/284), o tema se torna cada vez mais urgente dado o cenário atual de aumento das áreas de desmatamento e degradação ambiental no Brasil e no Mundo.

A Restauração Florestal no Brasil historicamente é feita através da técnica de plantio de mudas em área total, técnica essa, que se mostra muitas vezes cara e ineficaz, vista a alta mortalidade das mudas a campo. Frente a isso, existe o método de Semeadura Direta, que consiste na alocação de sementes no solo com objetivo de estabelecer uma comunidade florestal, favorecendo ou acelerando os processos da sucessão ecológica (BRANCALION et al., 2015). No Brasil, algumas experiências utilizando esta técnica vêm sendo realizadas, aliando termos ecológicos e econômicos para a restauração de ecossistemas (ALMEIDA, 2004; BARBOSA et al., 1996; SANTOS JÚNIOR, 2000). Essas experiências apresentaram bons resultados em áreas degradadas e contribuem para o avanço deste método, além de apresentar maior resiliência, sobrevivência e diversidade em comparação a restaurações pelo plantio de mudas, além do destaque de ter maior viabilidade financeira. A partir desses resultados, a pesquisa tem se dedicado a compreender os arranjos e a escolha das espécies para uso, o que está relacionado diretamente com o potencial de estabelecimento que elas apresentam a campo.

Este trabalho tem como finalidade avaliar a germinação e sobrevivência a campo através da Semeadura Direta de Timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*), Canafistula (*Peltophorum dubium*) e Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) em sistema tradicional de restauração e sistema agroflorestal no sul do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

O experimento foi realizado na Estação Experimental Cascata (EEC), Embrapa Clima Temperado, localizada no município de Pelotas, Rio Grande

do Sul (latitude 31°37'9" S, longitude 52°31'33" O, altitude de 170 m). tendo como arranjo a semeadura direta de Timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*), Canafistula (*Peltophorum dubium*) e Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) em parcelas iguais de 1 metro linear e berços de 5cm de profundidade. Sendo utilizadas 10 sementes de cada espécie por repetição, totalizando 60 parcelas ao acaso divididas em T1 Semeadura Direta tradicional e T2 Semeadura Direta com cobertura de solo em Sistema Agroflorestal com plantio de milho, feijão, mandioca e eucalipto no mesmo canteiro. A área foi arada e encanteirada e posteriormente adubada com esterco de peru. O levantamento dos dados se deu pela avaliação da germinação e sobrevivência através do reconhecimento e contagem das plântulas dos indivíduos em um intervalo de 9 meses.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após 9 meses de levantamento de dados se pode constatar que T1 (26,89%) apresentou porcentagem de germinação maior quando comparado a T2 (22%) (Figura 1). Porém para timbaúva a maior germinação se mostrou em T2 com 32%, enquanto em T1 25%. Já para canafistula, a porcentagem de germinação foi igual em ambos tratamentos (17,67%). Os maiores índices de germinação foram de Jerivá tanto em T1 (38%) quanto em T2 (16,63%), quando comparadas às outras duas espécies.

Em relação à sobrevivência, T1 apresentou maiores porcentagens de sobrevivência no total (Figura 1). Porém o maior índice de sobrevivência foi para Jerivá em T2 com 89,80%, seguido de Timbaúva com 38,54% também em T2. Os menores índices de sobrevivência foram de Canafistula 7,5% em T1 e 1,89% em T2 (Figura 1).

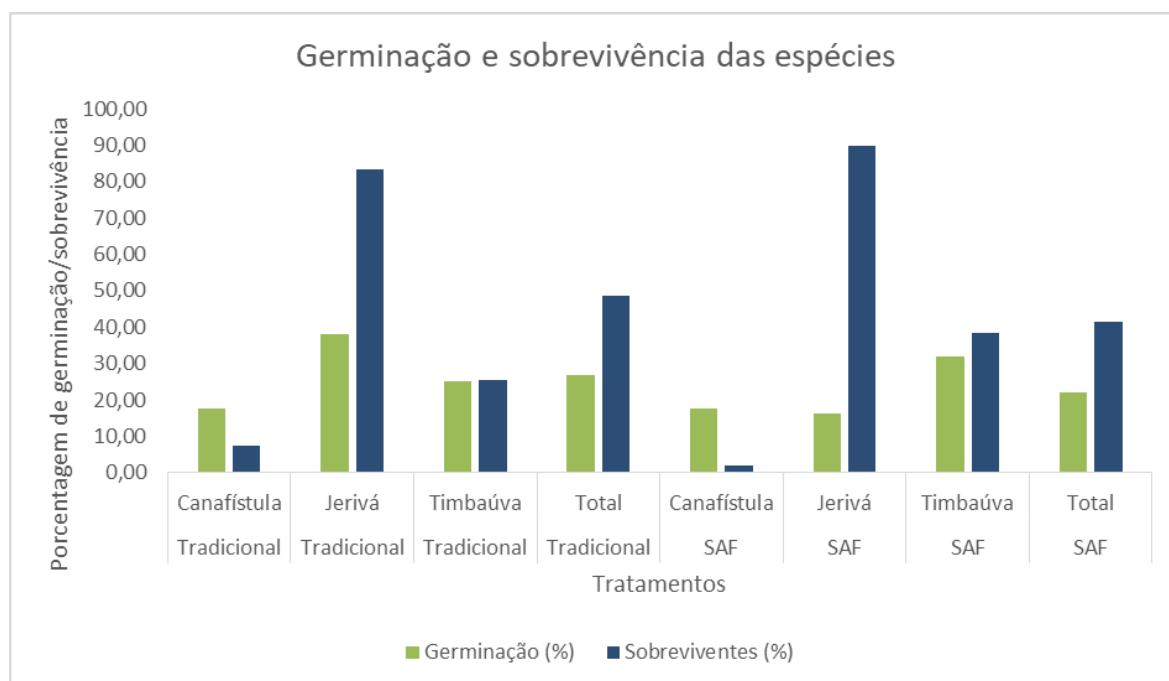


Figura 1. Porcentagem de germinação e sobrevivência das espécies por tratamento.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que Jerivá foi a espécie que apresentou maiores resultados de germinação e sobrevivência a campo em ambos os tratamentos (T1 e T2) comparado a Timbaúva e Canafistula. Embora que os índices de germinação de Jerivá tenham sido maiores no tratamento tradicional (T1) os índices de sobrevivência a longo prazo se apresentam maiores no tratamento agroflorestal (T2). Timbaúva apresentou maior resultado em germinação no tratamento agroflorestal T2 seguido de maiores índices de sobrevivência no mesmo tratamento T2. Canafistula apresentou os menores resultados em ambos os tratamentos quando comparada a outras espécies.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCALION, Pedro; GANDOLFI, Sergius; RODRIGUES, Ricardo. Restauração Florestal. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2015, 233 p

MICCOLIS, Andrew et al. Restauração ecológica com sistemas agroflorestais. **Como conciliar conservação com produção-opções para cerrado e caatinga.** Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal. Brasília: ICRAF, 2016.

OLIVEIRA, Paula. **Estabelecimento de espécies florestais nativas por meio de semeadura direta para recuperação de áreas degradadas.** Revista Árvore. 2. ed. 2012, 2 p.